

HISTÓRIA ESCRITA E HISTÓRIA ENSINADA: A REVOLUÇÃO MEXICANA APARTIR DOS LIVROS DIDÁTICOS.

Helayne Mikaele Silva Lima
João do Carmo Batista Júnior

RESUMO:

Este artigo visa analisar como a Revolução Mexicana é abordada em alguns livros didáticos do ensino médio, observando como a história da América Latina é ensinada atualmente e qual a importância que está sendo dada a essa temática. Procuramos trazer à tona as ausências e as ênfases colocadas nesses livros e qual o recorte temporal utilizado por seus autores, dialogando sempre com a historiografia acadêmica acerca do tema, buscando delinear algumas perspectivas teóricas acerca das características que os livros didáticos assumem. Dessa forma, percebemos o livro didático como uma mercadoria (que enquanto tal obedece às demandas do mercado), bem como um difusor de ideologias.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático, Revolução, Ensino, História, América

INTRODUÇÃO:

"A reforma agrária radical é a única que pode dar a terra ao camponês."

Che Guevara.

Os estudos desenvolvidos acerca da América Latina nos fazem compreender que no cerne de sua historicidade há uma tradição de resistência que perpassa suas várias temporalidades e que se torna um fator componente das múltiplas experiências sócio-culturais engendradas no cotidiano de luta dos sujeitos históricos.

A amplitude e a complexidade dessas experiências ultrapassam os conceitos e as ortodoxias, que buscam apenas rotulá-las de revolução burguesas, socialistas, democrático-burguesas, e que acabam por empobrecer o sentido real dessas movimentações políticas, como é o caso da Revolução Mexicana.

A Revolução Mexicana teve uma repercussão muito grande na América Latina, tendo em vista seu caráter peculiar. O século XX viu surgir um processo marcado pela agitação política indígenas, camponeses e operários desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da revolução, dando ressonância aos seus anseios. Assim, segundo Demétrio Boersner o valente povo mexicano havia demonstrado que os pobres e desamparados da América Latina são capazes de sacudir o jogo do imperialismo norte-americano e das oligarquias nacionais.

Apesar de seu caráter original a Revolução Mexicana não é um tema muito trabalhado nas salas de aula do ensino-médio. Porque essa temática é vista de forma secundária em relação a outros assuntos da América Latina? Porque esse assunto muitas vezes nem aparece no livro didático? Será que isso é indicativo de que a história ensinada atualmente ainda guarda raízes eurocêntricas?

Foram essas inquietações que nos motivaram a realizar esse trabalho, que tem por objetivo principal analisar como está sendo tratada a referida revolução nos livros didáticos brasileiros do ensino-médio. Através dessa análise buscamos perceber e problematizar as ausências, as ênfases, a localização do assunto no livro, o recorte temporal adotado e como os sujeitos históricos são apresentados, procurando dialogar com a historiografia acadêmica acerca do assunto, ressaltando a questão da chamada transposição didática ou mediação didática.

A escolha dos títulos não foi aleatória, procuramos selecionar os livros mais conhecidos e utilizados nas escolas públicas e privadas de Fortaleza¹. É necessário ressaltar que a análise que efetuamos nos livros didáticos não abrange a totalidade dos aspectos relativos à Revolução Mexicana e tem intuito, sobretudo, de fazer uma reflexão acerca do que está sendo difundido e ensinado sobre essa temática.

O LIVRO DIDÁTICO EM PERSPECTIVA

Os debates acadêmicos sobre o livro didático ganham hoje um lugar privilegiado no âmbito das ciências humanas. A criticidade que marca tais debates é um ponto a mais que compõe o nosso interesse pelo assunto, concordamos com a caracterização e a conceituação utilizada por Circe Bittencourt. Segundo a autora o livro didático possui múltiplas facetas e

uma natureza complexa. Ele é, antes de tudo, uma mercadoria e obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado.²

O livro didático é um depositário dos conteúdos escolares, realiza transposição do saber acadêmico para o saber escolar e cria padrões e formas de comunicação específicas. Ele é um instrumento pedagógico que apresenta os conteúdos que devem ser ensinados e como devem ser ensinados. Para Bittencourt:

“O livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura. Várias pesquisas demonstram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores de grupos dominantes, generalizando temas como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade branca burguesa”.³

Ao nosso ver, o livro didático transmite ideologias não só com a veiculação de estereótipos mas também com a relevância dada a alguns conteúdos. Essa relevância se manifesta, por exemplo, ocultando certos conteúdos ou tirando-os do seu contexto temporal. Podemos perceber isso ao analisar as divisões cronológicas adotadas pelos livros.

Nos livros *Caminhos das Civilizações* de José Geraldo Vinci de Moraes, *História Geral* de Cláudio Vicentino, *História Moderna e Contemporânea* de Alceu Luiz Pazzinato e Maria Helena Valente e *Toda a história* de José Jobson de Arruda de A. Arruda e Nelson Pilletti a Revolução Mexicana aparece fora do seu contexto temporal original, englobado com outros conteúdos referentes a América Latina no século XX. Dessa forma, a Revolução Mexicana segue seu contexto separada da história Européia, sendo apresentada em unidades à parte localizadas no final dos livros, o que muitas vezes faz com que por falta de tempo esse conteúdo não seja trabalhado em sala de aula.

Os três livros citados não adotam uma perspectiva de história temática, porém no que tange ao assunto em questão ele é agrupado com outros processos similares, mas com temporalidades diferentes, como se a unidade descordasse da forma como foi organizado o restante do livro.

ASPECTOS E AUSÊNCIAS NOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

Como já havíamos refletido acerca do livro como difusor de ideologias, é necessário questionarmos até que ponto tal separação entra em consonância com os ideais dominantes, visando negar as experiências de contestação, da tradição de resistência presente na história da América Latina.

É necessário atentar também para o fato de que essa separação pode ter o intuito de atenuar o impacto que a Revolução Mexicana teve no contexto da época, marcado pela Primeira Guerra mundial, pela Revolução Russa, pelo Nazifacismo e a Segunda Guerra mundial. Enquanto a Europa vivenciava tais processos o povo mexicano se levantava e se fazia ouvir através da luta e apresentava uma alternativa de resistência, exercendo uma influência considerável sobre o auge de movimentos de renovação democrática, nacionalista e social em todas as regiões da América Latina.⁴

Já nos livros *História Geral* de Florival Cárceres e *A Escrita da História* de Flávio de Campos e Renan Garcia Miranda o tema é disposto de forma diferente, ele é contextualizado com a história mundial, no caso do primeiro livro aparece no capítulo *América Latina Entre Guerras* e no segundo livro no capítulo *A Era dos Extremos*, já situando a temática com o que estava ocorrendo na Europa no mesmo período.

Se por um lado o livro *A Escrita da História*, que foi o livro adotado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), insere a Revolução Mexicana nesse contexto europeu, por outro podemos perceber uma série de ausências. Ao analisarmos as páginas referentes à Revolução Mexicana observamos que ele trata a revolução como se ela tivesse ocorrido apenas no ano de 1910, ignorando assim todo o processo revolucionário anterior e posterior a essa data, da mesma maneira que o livro *História Geral* de Cárceres limita a revolução entre o ano de 1910 e 1919.

Reduzir a Revolução Mexicana ao recorte temporal proposto nos dois exemplos supracitados, é não atentar para os momentos que compuseram o processo de consolidação da revolução. O historiador Marco Antônio Vila sugere um recorte temporal para a revolução que vai de 1910 á 1940, dividindo esses trinta anos em quatro períodos.⁵

O primeiro que vai de 1910 á 1920, período da queda de Porfírio Díaz à ascensão de Álvaro Obregón onde o México Viveu momentos que marcaram a história das lutas

políticas na América Latina. O segundo seria de 1920 á 1928 que foi a transição entre a fase armada de Revolução e as reformas dos anos trinta , onde o estado lançou as bases das alianças de classe com o campesinato e o proletariado e enfrentou a última instituição do antigo regime, a igreja católica.

O terceiro período de 1928 á 1934 onde o México viveu á sombra de Calles, que influenciou os presidentes do período e ditou os rumos do governo. Nesses anos, também, o México viveu sérios problemas econômicos, oriundos da crise mundial de 1929 e da indefinição revolucionária quanto ao tipo de estado que deveria ser organizado para substituir o antigo regime Porfirista.

Citamos, ainda, a institucionalização da revolução em 1929, com a criação do Partido Nacional Revolucionário (PNR). No último período, os anos de 1934 á 1940, foram os anos de mudanças efetivas, algumas dessas questões eram buscadas desde 1910. Como reforma agrária, legislação social, organização sindical, modernização do estado e a nacionalização do petróleo.

Esse recorte leva em conta fatores que são cruciais para o entendimento da noção do processo histórico que foi a Revolução Mexicana, não devendo ser excluído dos capítulos que se referem ao assunto. Assim, a nosso ver, os livros didáticos analisados não levaram em conta as noções de rupturas e permanências que devem estar presentes na história escrita e na história ensinada.

Um outro aspecto relevante é que os livros analisados não citam o processo de industrialização desencadeado com o governo de Porfirio Diaz, porém todos eles abordam sucintamente a presença dos investimentos estrangeiros no México na área do petróleo, minério e ferrovias. Entender esse processo de industrialização é fundamental porque:

“O petróleo só ganha um significado realmente importante na vida econômica do México quando a produção do automóvel exige a exploração industrial do petróleo em grande escala. A indústria do petróleo está indissolúvelmente ligada a do automóvel”.⁶

O petróleo é um fator natural muito relevante para a economia mexicana, a penetração européia e norte-americana no país se deu em grande parte por causa disso. Havia todo um jogo de influências para a exploração do mesmo, o financista inglês

Weetmen D. Pearson e o norte-americano Edward L. Doheny tentaram a todo custo conseguir a exploração desse recurso, porém o financista inglês gozava de relações estreitas com Porfirio Diaz, o que beneficiava as relações da Europa com o México.

A industrialização nos faz entender relações exteriores, a construção das estradas de ferro a formação de uma classe média, questão essa muito importante para não ser sequer mencionada nos capítulos sobre Revolução Mexicana.

Outro ponto importante a ser ressaltado é a maneira como os livros didáticos abordam o processo de transição do governo de Porfirio Diaz para o de Francisco Madero, todos os livros analisados, com exceção do livro *História Moderna e Contemporânea* De Alceu Luiz e Maria Helena nos fazem pensar que o mandato de Porfirio Diaz terminou tranquilamente e Madero foi eleito e subiu ao poder, não nos mostra todo o processo que foi a tomada de poder por Madero e a influência dos camponeses para que isso ocorresse.

Madero tentou um acordo com Porfirio, no qual ele permaneceria na presidência mas o vice seria do partido nacional democrático e Diaz recusa. Madero começa a fazer comícios divulgando sua candidatura, acaba preso, sua prisão serviu para ele ser visto como vítima por todos. Ele é solto 45 dias depois e redige o plano de San Luis de Potosi, onde marca a data da revolução para 20 de novembro de 1910.

Na data marcada ocorreram vários levantes, a família de Madero comprou armas e munições nos Estados Unidos para sustentar o movimento armado. Após sucessivos combates Porfirio Diaz e o vice presidente renunciaram. Madero toma posse, anuncia a dissolução do partido anti-reelecionista, procura desarmar os camponeses e não focaliza na reforma agrária, fazendo assim com que pessoas que o apoiavam agora sejam contra seu governo, especialmente Zapata. A guerrilha zapatista recomeça a partir daí.

O livro de Pazzinato e Valente, que mencionamos como exceção, apresentou mais detalhadamente a chegada de Madero ao poder, destacando a questão das eleições, a sua prisão, a sua fuga para o Texas e menciona o plano de San Luis de Potosí, apesar de não problematizá-lo. Ao nosso ver esse plano é importante visto que, segundo Américo Nunes, este *Plan* se transforma logo na plataforma da revolução de 1910 e Madero reafirma no documento: “sufrágio direto, não reeleição presidencial.” A insurreição é marcada para 20 de novembro do mesmo ano.⁷

O plano de San Luís de Potosí conclama o povo a rebelar-se contra a ditadura e marca o dia e a hora para o início da revolução (20 de novembro às 18:00). É importante ressaltar que o plano declara nula a eleição presidencial e considera Madero o presidente legítimo. Um dos artigos do plano, o artigo 3º, defende a restituição das terras apropriadas pelos latifundiários aos antigos proprietários numa demonstração de que Madero busca obter o apoio dos camponeses que tiveram suas terras expropriadas.

O plano de Ayala é um documento que deveria ser problematizado no livro didático, porém, percebemos que nos livros analisados isso não ocorre, em alguns como o livro *Toda a História* e o *História Geral* que esse plano não é sequer citado. Já nos livros *História Moderna e Contemporânea*, *Caminho das Civilizações* e *A escrita da História* é explicado muito sucintamente.

A importância desse documento, promulgado pelos zapatistas, estar presente nos livros didáticos é devido o apelo para que o povo Mexicano pegue em armas para derrubar o governo, ato esse que estaria dando continuidade a revolução, e dando a mesma um caráter social e agrarista, como podemos perceber nos artigos a seguir:

6º “Que as terras, montes e águas que hajam usurpado os fazendeiros, científicos ou caciques à sombra da justiça venal, entrarão na posse desses bens imóveis, desde logo, os pueblos e cidadãos que tenham títulos correspondentes a essas propriedades, dos quais hajam sido despojados por má fé de nossos opressores, mantendo a todo custo, com as armas nas mãos, a mencionada posse(...)”

7º “Em virtude da imensa maioria dos pueblos não serem donos mais da terra que pisam (...) se expropriarão, mediante prévia indenização, da terça parte desses monopólios, aos seus poderosos proprietários, a fim de que os pueblos e cidadãos do México obtenham ejidos, colônias, fundos legais para pueblos ou campos de semeadura ou de trabalho e se melhore em tudo e por tudo a falta de prosperidade e bem estar dos mexicanos”.⁸

O plano de Ayala demonstra através do seu conteúdo fortemente agrarista a não resignação dos camponeses à situação vigente, com uma tomada de posição pautada na resistência e na defesa armada de seus interesses, ao mesmo tempo em que reconhece e nomeia os grupos opressores.

Uma reflexão que não podemos deixar de levantar é o grau de relevância que os livros didáticos dão a outras temáticas da América Latina. A revolução Cubana é um exemplo disso. Como ressalta Demétrio Boersner:

“Hasta el año de 1959, cuándo surgió la revolución Cubana como um nuevo ensayo de liberación del hombre latinoamericano, la Revolución Mexicana y el estímulo externo de la revolución soviética constituyeran las dos Fundamentales fuentes de inspiración para los obreros , los campesinos y los intelectuales revolucionários de nuestro continente”.⁹

Um ponto em comum à maioria dos livros didáticos analisados, *A Escrita da História, História Geral, Toda a História e História Moderna e Contemporânea*, é o fato de apresentarem a Revolução Cubana à parte dos outros temas da América Latina e junto com temas como Revolução Soviética, Revolução Chinesa e Guerra do Vietnã no intuito de englobar os assuntos tidos como movimentos de cunho socialista.

Apesar da Revolução Mexicana estar situada cronologicamente anterior à Revolução Cubana o livro didático traz a mexicana posteriormente, assumindo um posicionamento que reduz a importância e a significação do movimento mexicano no contexto da América Latina. Os referidos livros destinam à Revolução Cubana um detalhamento maior do seu processo histórico, bem como vincula o assunto ao seu contexto temporal, enquanto a Revolução Mexicana, como já havíamos ressaltado, se encontra em unidades ou capítulos que trazem a América Latina à parte.

CONCLUSÃO

As reflexões que buscamos desenvolver neste trabalho, tiveram o intuito de fazer com que possamos situar o livro didático de história em sua complexidade, atentando para os seus limites possibilidades, para os seus aspectos e contradições. Talvez um dos maiores obstáculos para um historiador seja escrever de uma forma acessível, com uma maior abrangência, sem perder o rigor e a seriedade que o seu campo de atuação exige, como numa produção de um livro didático.

Na se trata apenas de ressaltar a distância que muitas vezes existe entre a história acadêmica e a história ensinada nos livros didáticos. Entendemos que se trata, antes de tudo, de fazer pensar acerca do papel social que nós historiadores/educadores assumimos diante do ensino e da educação.

Nessa perspectiva, nos pautamos na análise da Revolução Mexicana nos livros didáticos por entendermos que ela foi, e ainda é, uma fonte de inspiração para movimentos de contestação e de resistência na América Latina e no mundo, que lutam por causas sociais legítimas que, por isso mesmo, representam um perigo às classes dominantes. Como ressalta Circe Bittencourt, o papel do livro didático na vida escolar pode ser o de instrumento de reprodução de ideologias e o saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo estado.¹⁰

Pensando o livro didático na concepção apresentada por Bittencourt, entendemos que o ato de omitir, camuflar ou reduzir a Revolução Mexicana é tentar deslegitimar experiências sociais que ecoam até hoje e que se refazem no cotidiano das lutas, é tentar silenciar vozes que ressoam desde a chegada dos europeus á América. A Revolução Mexicana se faz atual quando pensamos, por exemplo, nas problemáticas ligadas às questões agrárias em várias partes do mundo, inclusive aqui no Brasil.

Como negar essas problemáticas?

É necessário que busquemos a compreensão de que cabe a nós – enquanto sujeitos socialmente engajados e historiadores/educadores preocupados com o ensino da história da América Latina , bem como as questões sociais- a função de analisar, questionar e elaborar mecanismos que modifiquem a estrutura na qual o livro didático está inserido e que busquemos adequá-lo a um ensino que procura ser crítico e autônomo ao invés de simplesmente nos adequarmos a ele de forma comodista.

¹ Selecionamos livros didáticos de variados autores, com o intuito de buscar uma pluralidade de concepções e abordagens acerca da Revolução Mexicana. Os livros foram : *História Geral* (Cláudio Vicentino), *Caminhos das civilizações* (José de Moraes), *História Geral* (Florival Cárceres), *História Moderna e Contemporânea* (Pazzinato e Valente), *A História Escrita* (Flávio de Campos e Renan Garcia Miranda) e *História e Consciência do Mundo* (Gilberto Cotrim).

² BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. IN: *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997. p.71 e 72.

³ Idem. *Op cit.* P. 72

⁴ DEMÉTRIO ,Boersner. Relaciones Internacionales de América Latina. Breve história. Caracas: Nueva sociedad, 1996. p.160.

⁵ Adotamos o recorte temporal proposto por Marco Antônio Vila visto que seu livro *A Revolução Mexicana* analisou os acontecimentos entre 1910 quando Madero lançou o chamamento à derrubada armada da ditadura de Porfirio Díaz, até 1940 momento em que Cárdenas conclui o mandato com a realização de várias reformas que moldaram o atual Estado Mexicano.

⁶ NUNES, Américo. *As Revoluções no México*. São Paulo:Perspectiva, 1980. p. 45.

⁷ Idem, p. 69.

⁸ Trechos do plano de Ayala reproduzidos IN: AQUINO, Rubim Santos Leão de. *História das Sociedades Americanas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1990.

⁹ DEMÉTRIO ,Boersner. Relaciones Internacionales de América Latina. Breve história. Caracas: Nueva sociedad, 1996.

¹⁰ BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. IN: *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.